

Rio

CRIME EM RIO DAS OSTRAS

Médica foi enterrada no quintal de casa

Vítima de 53 anos estava desaparecida desde julho; funcionário é suspeito

DA PM E DA ALERJ PARA A PRISÃO

Policia militar e dois nomeados para cargo no Legislativo são suspeitos de ligação com morte de advogado



A vítima, Rodrigo Marinho Crespo, foi morto no centro do Rio; ele levou 38 tiros

CAROLINA CALLEGARI, GUILIA VENTURA, JOÃO VITOR COSTA, CARMELO DIAS E VERA ARAÚJO

Três suspeitos de participação no assassinato do advogado Rodrigo Marinho Crespo foram presos ontem, oito dias após o crime cometido na tarde de uma segunda-feira, em movimentada calçada do centro do Rio. De canivete e mochila, o policial militar Leandro Machado da Silva, de 39 anos, se apresentou na Delegacia de Homicídios da Capital (DHC) por volta das 10h30. Aquela altura, Cezar Daniel Mondegio de Souza já estava detido, por envolvimento no mesmo caso. Mais tarde, foi a vez de Eduardo Sobreira Moraes, de 47 anos, chegar à DHC e juntar-se aos dois. Além de serem investigados com o cabo Leandro, Cezar Daniel e Eduardo têm outra coisa em comum: ambos foram nomeados para o mesmo cargo na Assembleia Legislativa do Rio (Alerj).

TRÂMITES NA ASSEMBLEIA

Cezar, que estava na Casa desde 2019, foi exonerado a pedido na quinta-feira da semana passada. No mesmo dia, e para a sua vaga, no Departamento de Patrimônio, Eduardo Sobreira foi nomeado. Após a revelação, pela polícia, de que ele era procurado, a nomeação foi anulada antes de sua posse. Como é praxe, todos os atos — de nomeação, exoneração, nova nomeação e anulação — foram publicados no Diário Oficial com a assinatura do presidente da Alerj, Rodrigo Bacellar. Nem ele, nem ninguém na Casa, porém, informaram quem seria responsável pelas indicações dos dois suspeitos.



Escolta. Leandro Machado da Silva, cabo da PM, chegou à Delegacia de Homicídios da Capital; ele é acusado de ter sido o responsável pela logística do crime

ações dos dois suspeitos.

O Departamento de Patrimônio é responsável por "propor a contratação de serviços de manutenção, conservação e recuperação de bens" e "registrar e controlar os bens patrimoniais da Alerj", entre outras atribuições.

O salário no cargo destinado aos dois suspeitos de monitorar os passos de Rogério Crespo gira em torno de R\$ 2 mil. Antes de ir para o Patrimônio, no entanto, Cezar Daniel chegou a receber R\$ 6,19 mil líquidos mensais de comissão e gratificação até novembro de 2023, quando exerceu o cargo de Assessor Parlamentar V.

Desde 2008, ele já mostrava proximidade com o



poder ocupando cargos no governo do estado. Em 2012, segundo ano do segundo mandato de Sérgio Cabral Filho, foi nomeado para a Secretaria de Governo (PT) como presidente. O texto confirma ainda que o nomeado "deixou o cargo em março deste ano para que o



Até a noite de ontem, tudo o que a Alerj informou, por meio de nota, foi que "Cezar Daniel estava nomeado desde 2019, na gestão anterior da Casa", que tinha André Ceciliano (PT) como presidente. O texto confirma ainda que o nomeado "deixou o cargo em março deste ano para que o

Eduardo entrasse em seu lugar, mas a nomeação não chegou a ser concluída, já que a portaria foi tornada sem efeito". O cargo segue vago.

O gabinete do deputado estadual Rodrigo Bacellar (União), presidente da Assembleia, informou que "assinou nomeação e foi

exoneração é um ato administrativo privativo de presidente e 1º secretário de quaisquer Legislativos no país". A nota repete o argumento de que "Cezar Souza já estava nomeado na Alerj desde maio de 2019".

ACUSAÇÃO E DEFESA

De acordo com a polícia, Cezar e Eduardo fizeram monitoramento da vítima ao menos três dias antes da execução e também no dia do crime. Para seguir o advogado no percurso feito da casa onde morava, na Lagoa, Zona Sul do Rio, até o escritório, no Centro, a dupla usou um Gol branco, alugado, com as mesmas características do veículo usado pelos executores.

Já o policial militar Leandro Machado foi, segundo aponta a investigação, o responsável por coordenar a logística do crime. Ele teria encontrado os dois carros usados no monitoramento e na execução. Machado já foi investigado e preso por homicídio, em 2020, e por integrar grupo paramilitar com atuação em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Ele também é apontado como segurança de Vinicius Drumond, vice-presidente da Imperatriz e filho do contraventor Luizinho Drumond, já falecido.

Machado chegou à delegacia acompanhado de seu advogado, que negou qualquer participação dele no crime. Segundo a corporação, Leandro está afastado do serviço nas ruas por responder a inquérito por participação em organização criminosa.

As ligações do acusado com a 'Santíssima Trindade' do bicho

Polícia traça conexões entre PM, Vinicius Drumond, Adilzinho e Rogério

SEGREDOS DO CRIME

VERA ARAÚJO

vera@oglobo.com.br

A investigação do assassinato do advogado Rodrigo Marinho Crespo trouxe à tona uma intrincada rede de ligações perigosas. Ao chegar ao cabo da PM Leandro Machado da Silva, de 39 anos, como envolvido na execução da vítima, a Delegacia de Homicídios da Capital (DHC) acabou por des-

cobrir um vínculo do policial com Vinicius Drumond — bicheiro do bicheiro Luiz Pacheco Drumond, que morreu em 2020 devido a um AVC — e o contraventor Adilson Oliveira Coutinho Filho, o Adilzinho. Vinicius, Adilzinho e o bicheiro Rogério Andrade são conhecidos na contravenção como "Santíssima Trindade".

O nome de Machado faz parte de um grupo de WhatsApp, segundo a polícia, em que também aparece o cabo PM Rafael do Nascimento Dutra, de 35, conhecido co-

mo Sem Alma, apontado como chefe da segurança de Adilzinho. As conexões não terminam por aí. Uma foto de Machado com Dutra, obtida pela DHC, também revela a amizade entre os dois, fortalecida no quartel do 15º BPM (Duque de Caxias), onde os caminhos se cruzaram.

A cidade de Duque de Caxias é reduto de Adilzinho: o contraventor é suspeito de comandar a máfia do cigarro ilegal no município. Em maio de 2021, ele ficou conhecido pela festa de aniversário que promoveu no Copacabana Palace,



Amigos de WhatsApp. Rafael Dutra, o Sem Alma, apontado como chefe de um grupo de assassinos de aluguel, foi colega de Leandro Machado no 15º BPM.

em plena pandemia, com tributo sonora do filme "Podemos Chegar". Em investigação promovida pela DHC, Adilzinho também é apontado como o mandante dos assassinatos do miliciano Marco Antônio Figueiredo Martins, o Marquinho Catiri, e de Alessandro José da Silva, o Sandrinho, em novembro de 2022.

Catiri era braço direito do bicheiro Bernardo Bello, ex-gestor de Waldemir Paes Garcia, o Maninho, que foi executado em 2004. Bello, foragido da

Justiça, é inimigo de Rogério Andrade. Este último foi preso em flagrante pela Polícia Federal, em agosto do ano passado, acusado de continuar no comando da contravenção. No local, uma casa em Petrópolis, os agentes encontraram uma lista com pagamento de propina para uma delegacia da Polícia Civil. Atualmente, Andrade está solto e usa tornozeleira eletrônica. A DHC não encontrou, até o momento, ligação do bicheiro com a morte de Rodrigo Marinho Crespo.

Para a polícia, Machado é segurança de Vinicius, o que a defesa dele nega. Outro indicio dessa ligação é que o carro usado para fazer a vigilância do advogado foi alugado pelo PM na mesma locadora com a qual Vinicius tem contrato. O dono da locadora informou em depoimento que foi apresentado a Machado por Vinicius.